

21 FEV 2002

Competências em economia e gestão na área da saúde

“Na saúde, ninguém enxerga os ganhos da integração de cadeias.” Por **M. Cristina S. Amorim e Eduardo Perillo**

No Brasil e no mundo, a oferta de serviços de atenção à saúde é crescentemente importante, no aspecto econômico e social. A relevância econômica expressa-se no volume de dinheiro circulando no segmento: US\$ 30 bi no Brasil e mais de US\$ 500 bi no mundo. A importância social é auto-explicativa, o que poderia ser mais importante do que manter saudáveis as pessoas? Não por acaso, no Brasil, o candidato governista à sucessão presidencial, foi, há muito, colocado à frente precisamente do Ministério da Saúde. O objetivo deste artigo é chamar atenção para a importância da capacitação dos níveis gerenciais, para a administração competente dos sistemas e organizações de saúde, bem como dos critérios para a escolha dos cursos de especialização.

O setor da saúde no Brasil é complexo, constituído por organizações pequenas, médias e grandes, nacionais e multinacionais, estatais, de administração direta e indireta, e as filantrópicas não governamentais. Cada uma tem seu feixe de interesses, cultura, necessidades, etc.

Tal estrutura sugere, primeiro, a dificuldade de interlocução entre os atores e, por isso mesmo, evidencia a imensa necessidade de articulação, de ações coordenadas objetivando melhorar a qualidade e o preço do serviço prestado. Alguns exemplos: a indústria farmacêutica embala doses de medicamentos incompatíveis com as prescrições médicas, deixando o paciente arcar com o custo do desperdício, caso compre remédio a mais, ou com o risco da dosagem insuficiente, caso compre a menos. A despeito das relações competitivas, bancos se unem para o consórcio 24 horas, mas na saúde, ninguém enxerga os ganhos da integração de cadeias.

Indicadores publicados pelo Banco Mundial mostram que os maiores gastos per capita não coincidem necessariamente, com o melhor desempenho. A China gastava, em 1990, 3,5% do PIB, obtendo expectativa média de vida de 69 anos, enquanto os EUA gastaram 12,7% do PIB para obterem 76 anos de média. Portanto, a qualidade das instituições e de seus padrões de organização fazem muita diferença na eficácia do processo de curar, prevenir doenças e promover saúde. Esta, por sua vez, é o resultado da utilização adequada de

um insumo fundamental: capacitação da força de trabalho.

Cresce o número de pedidos de falência, e a queixa geral nas empresas culpa o governo, as agências reguladoras, a inovação tecnológica, etc. Nenhum executivo, do setor público ou privado, aponta para as próprias deficiências de capacitação e de gerenciamento — contraem dívidas em dólares, sem quaisquer preocupações com o risco cambial, nível de demanda efetiva, para dizer o óbvio do planejamento. A obtenção de resultados positivos para a saúde das pessoas, para os usuários dos sistemas públicos e privados, depende, entre outros fatores, de investimentos em capacitação para a gestão das organizações e da integração das ações dos diferentes atores. No tocante à capacitação, nesse momento, o mais importante é formar os dirigentes, que possam mais tarde, agir como replicadores de novas formas de ação.

A experiência mostra que é

Resultados positivos na saúde dependem de investimentos em capacitação para a gestão das organizações

preciso ensinar economia, aquela área do conhecimento que permite compreender o funcionamento da cadeia produtiva completa (da indústria farmacêutica às clínicas, da indústria de equipamentos médicos às operadoras de planos de saúde), o porquê da evolução tecnológica inexorável, a constituição da concorrência, para citar apenas alguns tópicos básicos. É preciso também instrumentalizar os gestores para a ação eficaz, ou seja, ensinar técnicas de administração das organizações, outro vasto campo do saber. Do contrário, por exemplo, de nada adiantará propor ações integradoras da cadeia produtiva sem conhecer indicadores de desempenho, a arte da liderança e da negociação, planejamento, e tudo o mais.

No mundo da educação há um perigo a se evitar: cursos que prometem ensinar sem que os alunos estudem! Disfarçados sob o discurso da “valorização da prática”, descolados da pesquisa, esses cursos prometem o paraíso aos incautos: “frequente nossas aulas e arranje o emprego dos seus sonhos!” Notem, não é diferente do placebo que promete perda de

peso sem dieta hipocalórica, da corrente da felicidade que enriquece alguém sem trabalho.

Em tempo: a prática profissional propicia elementos importantíssimos para o processo de aprendizagem. No entanto, escola, particularmente a universidade, não é agência de empregos ou escritório de headhunter. É ingênuo esperar que a universidade forme para o “mercado”, pois a demanda por mão-de-obra qualificada, conta-nos a ciência econômica, é função da taxa de investimento no nível macroeconômico ou setorial e da taxa de inovação tecnológica. Além, disso, o mercado é dinâmico por excelência; quem apostar em capacitar-se apenas em uma determinada habilidade profissional, corre o risco de vê-la obsoleta muito antes de aferir qualquer benefício com a dita habilidade. Está é uma das razões pelas quais os objetivos educacionais, para quem ensina e para quem aprende, transcendem a fugaz necessidade do “mercado”.

Hoje, cada vez mais as relações de toda natureza se mercantilizam, transformam-se em operações de compra e venda intermediadas por dinheiro. A educação formal, sistematizada e oferecida por uma escola não foge à regra. Porém, a educação, pela sua natureza, é mercadoria especial: não basta pagar para ter! Se compro um par de sapatos apropriados imediatamente dos benefícios do consumo, basta calçá-lo. Ao contrário, pagar as taxas escolares e permanecer na sala de aula, não garante, obviamente, o benefício da capacitação.

Cabe às pessoas interessadas legitimamente em ampliar suas competências profissionais, atenção na escolha do curso e sobretudo, convém avaliar o compromisso com a formação e a seriedade da instituição que oferece o curso. Não se trata de esgrimir um discurso conservador, mas convenhamos, de dizer o óbvio: aprender implica em estudar, ler, refletir, testar, experimentar, ousar intelectualmente, criar, inovar...

Maria Cristina S. Amorim, economista, é professora da PUC-SP, coordenadora do MBA “Economia e gestão para as organizações de saúde”. Email: cristina.amorim@attglobal.net

Eduardo Perillo, médico, é coordenador técnico do MBA “Economia e gestão para as organizações de saúde”. Email: eperillo@attglobal.net